

Mais*

TRINTA FAMÍLIAS TIVERAM QUE DEIXAR SUAS CASAS;
DEFESA CIVIL NÃO DESCARTA DEMOLIÇÃO



Cerca de 40 bombeiros atuaram no combate ao fogo na J.J. Seabra

EVANGRO VIEIRA

Tragédia local

Bombeiros atuaram na remoção de escombros e nas buscas por vítima

Nilson Marinho*, Vinicius Nascimento* e Gil Santos
REPORTAGEM
redacao@correio24horas.com.br

O lojista José Hinaldo Moura Carvalho, 85 anos, dono da Serraria Carvalho, na Baixa dos Sapateiros, estava preocupado com os fios soltos do caseirão, destruído por um incêndio que começou por volta das 22h dessa segunda-feira (3). Outros quatro estabelecimentos, que funcionavam em mais dois caseirões, foram consumidos pelas chamas. Seu Carvalho, como é conhecido, continuava desaparecido até as 21h de ontem.

Segundo Renato Alves, 58, funcionário de Carvalho, havia fios espalhados pelo forro

do caseirão. Ele conta que o dono tinha consciência do perigo e, por isso, costumava desligar a caixa de energia do comércio antes de dormir.

De acordo com moradores e comerciantes do local, era grande a preocupação de um curto-circuito na loja, que funcionava há 50 anos. "Ele morava em uma quitinete (nos fundos da serraria) e tinha tudo: geladeira, fogão... Acho que ele pode ter começado a cozinhar e esquecido a comida. Pegava rápido no sono", comentou Renato, cogitando outra hipótese para o incêndio. Familiares disseram que seu Carvalho não conseguiu deixar o local após o início do incêndio.

As outras lojas atingidas foram Belíssima Confecções, Ítalo Confecções, Vitrine Jóias e Verona Kids. Os pre-



Curiosos acompanham o trabalho dos bombeiros durante a tarde; oito caminhões de entulho foram retirados

juízos podem ter chegado a R\$ 750 mil (veja ao lado), segundo a Associação de Lojistas da Baixa dos Sapateiros e Barroquinha (Albasa).

Cerca de 20 homens trabalharam ontem no rescaldo e resfriamento do incêndio - em toda a operação, desde o início, foram 40 oficiais e praças, para isolar a área e combater o fogo. Foram retirados oito caminhões de entulho do local e, no final da tarde, começaram as buscas pela possível vítima.

Para dar conta de controlar o fogo, foi necessário que oito carros do Corpo de Bombeiros, cada um com a capacidade de armazenar oito mil litros, fossem recarregados 40

vezes. Ou seja, foram usados cerca de 2,5 milhões de litros de água para apagar as chamas, o que aconteceu depois de duas horas.

Ainda durante a tarde - quase 20 horas depois - o local ainda tinha pequenos focos de calor - todos controlados pelo Corpo de Bombeiros através do Líquido Gerador de Espuma (LGE), substância que é misturada à água para reduzir labaredas que persistiam.

Parte das cerca de 30 famílias que moravam próximo aos pontos comerciais e que tiveram que deixar as pressas suas casas logo após o início do incêndio não pôde voltar para os imóveis. Algumas fa-

mílias moram ao lado e próximo ao fundo da serraria. Apenas aquelas que moram no lado direito da via, distante cerca de 50 metros das lojas, conseguiram retornar.

O músico Álvaro de Amaro, 53, estava voltando para casa, quando, já próximo ao Aquidabã, percebeu as chamas. No momento, ele sacou o celular sem imaginar que o fogo estava bem próximo de sua casa.

"Quando me aproximei, vi que se tratava de um incêndio na serraria. Foi uma correria grande, todo mundo começou a tirar os móveis, inclusive eu. Não tive prejuízo porque as chamas só chegaram no muro do quintal", contou ele.

Uma equipe da Defesa Civil

ALMIR LOPES

Governo Zé Ronaldo (DEM) diz, na Sabatina CORREIO/iBahia, que não aumentará impostos se eleito PÁGS. 20 E 21

Patrimônio BNDES lançará edital de R\$ 25 milhões para evitar novos incêndios em museus PÁG. 22



“Era um homem querido e que se dedicava ao trabalho. Esse comércio foi passado de pai para filho”
Elisabeth Macedo

Ex-mulher de José Hinaldo Carvalho

de Salvador (Codesal) está acompanhando o trabalho. A demolição dos imóveis não está descartada.

O diretor da Codesal, Sosthenes Macedo, afirmou que, a princípio, serão destruídas apenas as paredes que ligam os três imóveis.

Posteriormente, após uma outra análise, será avaliada a possibilidade de destruir por completo os casarões. O trabalho da Codesal está sendo realizado em três etapas: “Primeiro, estamos retirando o entulho e, logo em seguida, faremos o escoramento frontal das fachadas dos três imóveis. Só depois disso vamos iniciar a demolição, que será feita apenas nas paredes, preservando os fundos e a parte frontal”, explicou o diretor.

INTERDIÇÕES

Por conta do incêndio, a Transalvador chegou a bloquear os acessos à Avenida J.J. Seabra, durante a manhã, no Aquidabã e na Ladeira Ramos de Queiroz. Por volta de 8h20, os acessos pela Rua Siqueira Campos, no Barbalho, e a Ladeira Ramos de Queiroz foram liberados.

Já o acesso à via pelo Aquidabã continuava bloqueado na noite de ontem. A opção para condutores vindos do Aquidabã, sentido Baixa dos Sapateiros, é seguir pelo Vale de Nazaré, Avenida Joana Angélica (Saúde), descer o Desterro e acessar a Ladeira de Santana.

Os bombeiros trabalhavam ainda com a possibilidade de utilizar o chamado Bobcat, espécie de miniescavadeira que tem um poder de penetração melhor do que tratores e retroescavadeiras convencionais. Com esse veículo, será possível acessar locais mais remotos no interior do imóvel e dar prosseguimento às buscas, inclusive durante a madrugada.

* COM SUPERVISÃO DO CHEFE DE REPORTE JORGE GAUTHIER

Prejuízo das lojas chega a R\$ 750 mil

O presidente da Associação de Lojistas da Baixa dos Sapateiros e Barroquinha (Albasa), Ruy Barbosa, calculou que os prejuízos podem chegar a R\$ 150 mil para cada loja atingida pelo fogo. Ele explica que esse valor representa a soma das perdas com o espaço físico e produtos.

Ruy Barbosa explicou ainda que cerca de 20 pessoas ficaram sem emprego por conta de incêndio. Segundo ele, as cinco lojas atingidas eram negócios familiares. Alguns deles até moravam no local – como o idoso José Hinaldo Moura de Carvalho, 85 anos, dono da Serraria Carvalho, que segue sendo procurado pelos bombeiros.

Apesar de serem as mais prejudicadas, as cinco lojas atingidas não são as únicas a ficar no prejuízo. A região da Baixa dos Sapateiros e Barroquinha abriga mais de 70 lojas, segundo estima o presidente da Albasa. Ele não soube confirmar quantos estabelecimentos mantiveram o funcionamento normal ontem na Avenida J.J. Seabra, mas garante que “se abriram 10 foi muito”.

A comerciante Aline Mércia Macedo, 31, era dona da Vitrine Joias, uma pequena loja de atacado e varejo de bijuterias e joias que ficava em um estabelecimento depois da madeireira. Quando foi avisada do incêndio, ela imaginou apenas que a serraria estava em chamas,



Cliente descreveu espaço da madeireira como emaranhado de coisas

“Um investimento de uma vida toda que se transformou em cinzas. Não sei como vai ser amanhã”
Aline Mércia Macedo

Dona da loja Vitrine Joias que comercializava bijuterias e joias

mas, ao chegar no local, percebeu que o fogo tomava conta de várias outras lojas, inclusive a sua. “Um investimento de uma vida toda que se transformou em cinzas. Não sei como vai ser amanhã. Só Deus para me dar forças”, lamentou Aline. Ela calculou um prejuízo de R\$ 20 mil, já que toda a loja ficou destruída.

HISTÓRIA DA BAIXA DOS SAPATEIROS

Origem O Brasil ainda era uma colônia quando a Baixa dos Sapateiros surgiu no Centro de Salvador. Era a segunda metade do século XVI e o que existia no local era um riacho, alguns nascedouros de água e muita vegetação.

Expansão Os dejetos dos açougues eram lançados no riacho que corria na região, dando o nome ao Rio das Tripas. Depois, surgiu a Rua do Couro e o nome de Baixa dos Sapateiros, devido ao comércio desses tipos de produtos.

Mudanças A partir da década de 1960, a região começa a sofrer mudanças, tanto do tipo de comércio quanto do perfil dos moradores, até chegar ao estado de abandono atual.

Informações do historiador Jaime Nascimento

Casarões atingidos não são tombados

Os três casarões incendiados na Baixa dos Sapateiros não estão tombados nem pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e nem pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac) – apesar de serem considerados pelos órgãos imóveis históricos.

Em nota ontem, o Iphan informou que técnicos do instituto estão no local para avaliar os estragos. “Os casarões que foram incendia-

dos não são tombados individualmente e ficam fora da área tombada no Centro Histórico de Salvador. Ainda assim, os técnicos do Iphan – BA já estão no local, por solicitação da Defesa Civil, dando apoio aos trabalhos, por serem imóveis históricos”, disse o órgão.

O Corpo de Bombeiros é o responsável por emitir o auto de vistoria – documento conhecido como AVCB. Ficam a cargo do órgão os pro-

jetos de segurança dos prédios. O CORREIO procurou a assessoria para saber sobre as ocorrências de incêndio na capital e se os casarões possuíam essa documentação, mas não obteve retorno.

A Sedur do município informou, por sua vez, que, em agosto, foram notificados cerca de 30 imóveis no Centro Histórico para apresentar o laudo de manutenção predial. Essa manutenção deve ser realizada a cada cinco anos.

Obras estão previstas para a região

A presidente da Fundação Mário Leal Ferreira (FML), Tânia Scofield, informou que a prefeitura possui quatro projetos para a área da Baixa dos Sapateiros e seu entorno. O primeiro deles se estende do Aquidabã ao Largo Dois Leões e prevê a urbanização completa daquela área até a Barroquinha, macro e microdrenagem, ciclovias, melhoria dos pontos de ônibus e está orçada em R\$ 23 milhões. “O projeto já foi encaminhado para a Sucop (Superintendência de Obras Públicas do Salvador) licitar a obra”, informou Scofield.

Ainda segundo ela, outro projeto que está encaminhado é o de revitalização do Mercado de São Miguel, que está em fase de finalização e vai ser enviado para a Sucop, para ser licitado. “O mercado foi degradado ao longo dos anos, está quase todo sem cobertura. Atualmente só funcionam quatro boxes. No projeto vamos deixar uma área verde maior, para dar uma arejada ali, já que as construções são no limite do passeio”, explica, acrescentando que a obra está estimada em R\$ 5,5 milhões.

Estão previstas ainda a revitalização do Terminal da Barroquinha e revitalização da área e a do Terminal de Aquidabã, que deve ser extinto. “Ele deve deixar de ter o caráter de terminal. Mas todos os projetos estão sendo amplamente discutidos com as associações de moradores e comerciantes das áreas”.

O governo também investiu em um projeto de revitalização. A primeira parte foi concluída no segundo semestre do ano passado e, segundo a Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (Conder), incluiu a recuperação de vias, passeios e praças, contemplando ainda o quartel do Corpo de Bombeiros, a Praça dos Veteranos e a Ladeira do Pax. Orçada em R\$ 15,5 milhões, a obra teve início no Aquidabã, passando pela Avenida J.J. Seabra e seguindo até o Largo da Barroquinha.

Atualmente, as empresas de telefonia realizam o rebalçamento da fiação aérea para a vaua técnica. Foram instaladas 147 novas luminárias em LED. Foram instalados 22 novos pontos de iluminação.